

PROPOSTA DE UMA TRILHA SENSORIAL PARA O TURISMO DE EXPERIÊNCIA EM FLORIANÓPOLIS

Gilmara Bussolo Gularte
Orientadora: Marines Walkowski

RESUMO

O turismo de experiência tem ganhado relevância ao valorizar vivências autênticas, imersivas e sustentáveis, especialmente em ambientes naturais, contexto no qual Florianópolis se destaca por sua diversidade ambiental e áreas protegidas. Este trabalho teve como objetivo desenvolver uma proposta de trilha sensorial como diferencial para o turismo de experiência em Florianópolis, considerando sua contribuição para a valorização dos ambientes naturais, para a educação ambiental e para o fortalecimento de práticas turísticas sustentáveis no contexto local. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica sobre turismo de experiência, ecoturismo, trilhas interpretativas e percepção sensorial, aliada à análise do contexto ambiental e turístico local e à caracterização do parque escolhido para a proposta. Com base nesses referenciais, foi elaborada uma proposta de trilha sensorial orientada por princípios da educação ambiental e da interpretação ambiental. Os resultados indicam que as trilhas sensoriais se configuram como práticas inovadoras ao estimular os sentidos humanos e promover maior envolvimento emocional, educativo e consciente dos visitantes, gerando experiências turísticas memoráveis. Conclui-se que a implantação de trilhas sensoriais em Florianópolis representa uma alternativa viável e estratégica para o ecoturismo local, ao integrar conservação ambiental, educação ambiental e valorização da experiência turística de forma sustentável.

Palavras-chave: Interpretação ambiental; percepção sensorial; turismo em ambientes naturais; práticas sustentáveis; Ilha da magia.

ABSTRACT

Experiential tourism has gained relevance by valuing authentic, immersive, and sustainable experiences, especially in natural environments, a context in which Florianópolis stands out for its environmental diversity and protected areas. This work aimed to develop a sensory trail proposal as a differentiating factor for experiential tourism in Florianópolis, considering its contribution to the appreciation of natural environments, environmental education, and the strengthening of sustainable tourism practices in the local context. The methodology adopted was qualitative in nature, based on a literature review on experiential tourism, ecotourism, interpretive trails, and sensory perception, combined with an analysis of the local environmental and tourism context and a characterization of the park chosen for the proposal. Based on these references, a sensory trail proposal was developed, guided by principles of environmental education and environmental interpretation. The results indicate that sensory trails are innovative practices that stimulate the human senses and promote greater emotional, educational, and conscious involvement of visitors, generating memorable tourist experiences. It is concluded that the implementation of sensory trails in Florianópolis represents a viable and strategic alternative for local ecotourism,

integrating environmental conservation, environmental education, and enhancing the tourist experience in a sustainable way.

Keywords: Environmental interpretation; sensory perception; tourism in natural environments; sustainable practices; Magic Island.

1 INTRODUÇÃO

O ecoturismo tem se consolidado como uma modalidade importante do turismo contemporâneo, especialmente diante do grande aumento das preocupações globais com a conservação ambiental, o desenvolvimento sustentável e a valorização das experiências em ambientes naturais. O ecoturismo, diferente do turismo de massa, fundamenta-se no uso responsável dos recursos naturais, na promoção da educação ambiental e na geração de benefícios socioeconômicos para as comunidades locais.

Para este artigo, entende-se que o ecoturismo envolve a visita a ambientes naturais poucos alterados, com o propósito de apreciar e valorizar seus atrativos ambientais e culturais, incentivar a conservação e contribuir para o desenvolvimento sustentável, contando com a participação ativa da população local no planejamento e na distribuição dos benefícios gerados (Tito, 2023). Desta forma, o ecoturismo contribui na proteção dos ecossistemas e para a sensibilização dos visitantes quanto à importância da preservação da natureza.

Conforme trazido pela revista *Tendência do Turismo 2025*, observa-se um crescimento significativo pelo interesse das gerações mais novas pelo turismo de imersão, que valorizam experiências autênticas e lugares alternativos não tão explorados. Além disso, priorizam o contato direto com a natureza, considerando na hora da escolha do destino, por hotéis com certificação verde e iniciativa de conservação local. Ainda na revista é apresentado as tendências de escolhas dos locais por benefícios associados ao bem-estar físico e emocional, indo além do lazer, ao incorporar dimensões de recuperação física e mental (BRASIL, 2025).

Neste contexto, o turismo de experiência ganha destaque ao priorizar vivências significativas, capazes de envolver emocionalmente o visitante e promover conexões mais profundas com os lugares visitados.

Conforme destacado pelo autor, o turismo de experiência configura-se como uma tendência mundial voltada a turistas que buscam deixar de ser meros

contempladores para se tornarem protagonistas de suas próprias vivências, escolhendo cenários que correspondam às expectativas e aos sonhos de viagem (Simon, 2012).

Incorporando esta abordagem experiencial, o ecoturismo passa a ampliar seu potencial educativo e conservacionista, transformando a visita a ambientes naturais em uma oportunidade de aprendizado, reflexão e conscientização ambiental.

Segundo o relatório *Ecotourism Global Market Report*, da The Business Research Company, o mercado global de ecoturismo apresenta uma aceleração significativa em suas taxas de crescimento, passando de 5,8% ao ano em 2023 para 13,4% ao ano em 2027. Esses dados indicam o fortalecimento do ecoturismo no cenário turístico internacional, impulsionado pela crescente demanda por experiências que valorizam o contato direto com a natureza, a vivência ativa dos ambientes visitados e a adoção de práticas sustentáveis (EMBRATUR, 2024).

Nesse contexto, as trilhas ecológicas consolidam-se como um dos principais produtos desse segmento, pois estruturam o acesso aos ambientes naturais de forma planejada e interpretativa, permitindo que o visitante explore ecossistemas de maneira controlada, observe a biodiversidade local e compreenda os processos naturais e culturais associados à paisagem (BRASIL, 2010).

Além disso, as trilhas ecológicas configuram-se como práticas de educação ambiental, ao promoverem estratégias de aprendizagem participativas que oferecem informações sobre recursos naturais, conservação e preservação ambiental, estimulando a formação da consciência ecológica (Silva et al., 2012). Paralelamente, as trilhas favorecem a interação direta com o ambiente, estimulando a percepção, a contemplação e o envolvimento sensorial dos visitantes, elementos fundamentais para a construção de experiências turísticas significativas, memoráveis e marcantes.

Dessa forma, ao articular interpretação ambiental, conservação e sustentabilidade (tripé que fundamenta o ecoturismo, segundo a OMT), as trilhas tornam-se espaços privilegiados para a vivência do turismo de experiência em ambientes naturais (BRASIL, 2010).

Entretanto, mesmo com os benefícios trazidos pelas trilhas no contexto do ecoturismo, como: a valorização do patrimônio natural, o fortalecimento da educação ambiental e a diversificação da oferta turística, a sua implementação sem planejamento adequado pode gerar impactos negativos, tendo como exemplos: a degradação ambiental, compactação do solo e conflitos de uso. Nesse sentido, faz-se essencial o desenvolvimento de propostas que considerem critérios de sustentabilidade,

acessibilidade e interpretação ambiental, de modo a potencializar os benefícios das trilhas e minimizar seus impactos sobre os ecossistemas naturais.

Nesse contexto Ferreira e Machado (2015), demonstraram que trilhas contemplativas de caminhada e trilhas sensitivas/sensoriais favorecem o contato com a natureza, entretanto produzem impactos diferentes na percepção e na sensibilização ambiental dos participantes. As trilhas contemplativas são caracterizadas principalmente como percursos de caminhada voltados ao lazer, à contemplação da paisagem e ao deslocamento em ambientes naturais. Já as trilhas sensoriais priorizam a estimulação dos sentidos humanos, como a visão, a audição, o tato e o olfato, com o objetivo de intensificar a percepção ambiental e o envolvimento consciente dos visitantes.

Por promover uma vivência mais imersiva e inclusiva, esse tipo de trilha contribui para a sensibilização ambiental, amplia as possibilidades de interação com a natureza e reforça o caráter educativo e experiencial do ecoturismo. Com isso as trilhas sensoriais surgem como uma proposta inovadora no âmbito do ecoturismo e do turismo de experiência.

Uma pesquisa realizada por Costa, França e Nunes (2025), aponta que participantes de práticas sensoriais demonstraram maior curiosidade, envolvimento e sensibilização ecológica nesse segmento de experiência, isso conclui que as trilhas sensoriais potencializam a interpretação ambiental, pois não apenas informam, mas provocam, envolvem e despertam sentimentos, resultando em experiências mais significativas do que as trilhas convencionais de caminhada.

No contexto turístico de Florianópolis, cidade que, segundo o Plano Estratégico do Turismo de Florianópolis (2025), vem se consolidando como um dos principais destinos turísticos do Brasil e da América Latina, reconhecida por sua herança cultural e natureza, observa-se um cenário especialmente favorável ao desenvolvimento de práticas de turismo de experiência associadas à natureza.

Conhecida como “Ilha da Magia”, Florianópolis apresenta um perfil turístico diversificado, que combina tradição, inovação e forte valorização dos ambientes naturais. Essa combinação fortalece o potencial do município para a oferta de vivências autênticas e experiências imersivas. O próprio Plano Estratégico aponta como tendência global a crescente busca por experiências significativas e sustentáveis, ressaltando a importância de desenvolver atividades que possibilitem aos visitantes conectar-se com a natureza, a cultura e a comunidade local (Florianópolis, 2025).

Apesar do cenário favorável, ainda são escassos os estudos e propostas que abordam a implementação de trilhas sensoriais como um diferencial para o turismo de experiência no município, configurando uma lacuna de pesquisa no campo do ecoturismo e do planejamento turístico local.

Em face do crescimento do turismo de experiência e da valorização de práticas ecoturísticas que promovem vivências imersivas, educação ambiental e conservação dos recursos naturais, bem como do cenário favorável apresentado pelo município de Florianópolis para o desenvolvimento de atividades em ambientes naturais (Florianópolis, 2025), emerge a necessidade de compreender novas possibilidades de estruturação de produtos turísticos inovadores.

Considerando que as trilhas sensoriais potencializam a percepção ambiental e ampliam o envolvimento dos visitantes com a natureza, formula-se a seguinte pergunta de pesquisa: De que forma o desenvolvimento de uma trilha sensorial pode atuar como diferencial para o turismo de experiência em Florianópolis?

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo desenvolver uma proposta de trilha sensorial como diferencial para o turismo de experiência em Florianópolis, considerando sua contribuição para a valorização dos ambientes naturais, para a educação ambiental e para o fortalecimento de práticas turísticas sustentáveis no contexto local.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Turismo de experiência

O turismo de experiência surge no campo do turismo como um conceito associado à necessidade de ressignificar a forma como os produtos turísticos são planejados e oferecidos, deslocando o foco da simples contemplação para a vivência ativa do turista. Essa abordagem busca valorizar as emoções, sensações e vivências do viajante ao longo da viagem, promovendo experiências mais significativas e envolventes.

De acordo com Pezzi e Vianna (2015), o turismo de experiência é um termo amplamente utilizado no âmbito mercadológico para descrever uma maneira de estruturar produtos turísticos que inserem o turista como protagonista de sua própria

viagem, permitindo-lhe participar ativamente da construção da experiência vivenciada no destino.

No contexto das trilhas sensoriais em Florianópolis, essa aproximação se concretiza por meio do estímulo aos sentidos e da interação direta com os elementos naturais e culturais locais, o que fortalece a identificação do visitante com o território. Esse tipo de experiência possibilita que o turista leve consigo significados e memórias do lugar, além de estimular o desejo de retorno e a divulgação positiva do destino, gerando valor tanto para o visitante quanto para a comunidade local (Simon, 2012).

A construção de experiências turísticas significativas está relacionada à integração entre sentidos, emoções e memórias, que devem atuar de forma articulada por meio de uma estimulação multissensorial, a ativação dos sentidos intensifica a vivência do turista, tornando a experiência mais significativa e lembrada ao longo do tempo, enquanto as emoções ocupam papel central na interpretação da experiência turística, influenciando os processos de tomada de decisão, incluindo a escolha de destinos e atividades futuras (Pedro et al., 2021).

O autor ainda aponta que, emoções tradicionalmente consideradas negativas podem ser percebidas de forma positiva, especialmente em atividades de aventura, nas quais sensações como o medo estão associadas à superação, ao desafio e à satisfação pessoal.

No que se refere às memórias, os autores enfatizam que a essência da experiência turística reside na capacidade de gerar recordações positivas e duradouras, fortemente influenciadas por momentos de pico emocional e pelo desfecho da experiência. Dessa forma, não é a duração da vivência que determina sua memorabilidade, mas a intensidade emocional e a relevância dos momentos vivenciados.

2.2 Ecoturismo e turismo sustentável

Segundo Fonseca, Lamas e Kasecker (2010), as Unidades de Conservação (UCs) no Brasil são a principal estratégia de proteção da biodiversidade, sendo áreas legalmente instituídas para preservar ecossistemas, espécies e serviços ambientais essenciais à sociedade. Além de sua função ambiental, esses espaços produzem bens e serviços de elevado valor econômico e protegem paisagens de grande beleza cênica, configurando-se como territórios estratégicos para o desenvolvimento do ecoturismo, ao

aliar conservação da natureza, uso público sustentável e geração de benefícios sociais e econômicos.

Nesse sentido, o ecoturismo é frequentemente conhecido como uma rotulação utilizada para expressar um conjunto de diversas atividades e atitudes no setor de viagens, situadas na interface entre turismo e meio ambiente, especialmente aquelas desenvolvidas em ambientes naturais ou pouco afetados pela ação humana, o que evidencia a forte relação entre essa modalidade turística e os espaços protegidos.

Esse segmento turístico foi concebido associado à conservação ambiental, à valorização dos recursos naturais e à promoção de práticas sustentáveis que buscavam minimizar os impactos da atividade turística sobre os ecossistemas (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2014).

Segundo Pires (1998), o ecoturismo não deve ser entendido apenas como uma opção ou modalidade turística voltada à simples visitação de áreas naturais. Embora envolva atividades relacionadas ao lazer em contato com a natureza, o autor destaca que o ecoturismo ultrapassa essa classificação tipológica.

Nesse sentido, assume uma dimensão mais ampla ao articular diferentes interesses, entre eles a conservação ambiental, a educação ecológica e o desenvolvimento sustentável. Dessa forma, o ecoturismo apresenta-se como uma alternativa capaz de contribuir para o desenvolvimento conservacionista, ao conciliar a prática turística com a proteção dos recursos naturais e a valorização dos territórios envolvidos.

Ainda, Arruda e Lobo (2016) ressaltam que, diante das limitações do ecoturismo enquanto estratégia de desenvolvimento em larga escala, torna-se necessária a adoção de modelos turísticos planejados, de baixo impacto e com foco na qualidade da experiência, na educação ambiental e na conservação dos ecossistemas. Sendo assim, as trilhas sensoriais surgem como uma alternativa alinhada às diretrizes da sustentabilidade e do turismo de experiência, uma vez que possibilitam a vivência consciente dos ambientes naturais, causam baixo impacto ambiental e promovem experiências significativas aos visitantes.

De acordo com o SEBRAE (2022), o ecoturismo pode gerar benefícios ambientais e sociais significativos quando desenvolvido de forma planejada e responsável. Entre os principais benefícios ambientais, destacam-se o estímulo à conservação dos ecossistemas naturais e a promoção da educação ambiental,

contribuindo para a sensibilização dos visitantes quanto à importância da preservação dos recursos naturais.

Para além da dimensão ambiental, o ecoturismo também incorpora uma dimensão social fundamental, especialmente no que se refere à participação das comunidades locais. Nesse sentido, um estudo realizado ainda mencionam que:

O ecoturismo se promove como uma ferramenta para capacitar as comunidades locais a alcançar um desenvolvimento sustentável. Além disso, o ecoturismo tem incentivado a aplicação de práticas sustentáveis aos demais segmentos da indústria do turismo, minimizando transformações e procurando manter as tradições do lugar e dos seus autóctones (Spalolone Eduardo; Martins Suzana da Silva de Oliveira, 2016, p. 684 - 698).

Dessa forma, o ecoturismo pode favorecer a inclusão das comunidades locais nos processos de planejamento e gestão das atividades turísticas, promovendo a geração de renda, o fortalecimento da identidade cultural e o sentimento de pertencimento em relação ao território.

Iniciativas como as trilhas sensoriais destacam-se como alternativas compatíveis com os princípios do ecoturismo e do turismo sustentável, pois possibilitam experiências de baixo impacto ambiental, promovem a interação consciente com a natureza e reforçam o caráter educativo e experiencial da atividade turística.

2.3 Trilhas sensoriais e experiência turística

Segundo pesquisa realizada em um Jardim Sensorial no ano de 2020, com foco na exploração dos sentidos do corpo humano por pessoas cegas, Machado e Barros (2020) demonstram que projetos sensoriais são operacionais e de baixo custo, não precisando permanecer apenas no campo teórico. As autoras destacam que esse tipo de atividade proporciona aprendizados significativos aos participantes. O estudo também apresenta os sentimentos vivenciados durante o percurso da trilha sensorial, sendo “curiosidade” e “prazer” as palavras mais mencionadas pelos participantes ao caminharem descalços, tocando o solo, folhas e texturas até então desconhecidas.

Saccomori e Saccomori (2023) realizaram uma pesquisa com crianças de cinco anos utilizando trilhas sensoriais e momentos de reflexão com o objetivo de incentivar práticas e hábitos sustentáveis desde a infância. A atividade ocorreu em dois ambientes distintos, um representando uma natureza preservada e outro um cenário degradado, permitindo que as crianças comparassem as sensações percebidas em cada espaço. Após

a vivência sensorial, participaram de um jogo educativo com lixeiras coloridas para a separação de resíduos, promovendo a conscientização ambiental de maneira lúdica. As autoras destacam que a experiência contribuiu para o aumento da consciência ambiental e para a formação crítica das crianças, incentivando sua atuação como atores sociais ativos.

Além disso, destacam que atividades como trilhas sensoriais não apenas fortalecem os laços com a natureza, mas também fomentam a responsabilidade e o cuidado com o planeta (Saccomori e Saccomori, 2023)

Dessa forma, é possível afirmar que as trilhas sensoriais não possuem apenas caráter recreativo, mas também educativo e formativo, configurando-se como estratégias de sensibilização ambiental.

Dependendo da temática e dos objetivos propostos, essas atividades podem ser adaptadas para diferentes públicos, abrangendo crianças, jovens, adultos, idosos e pessoas com deficiência, ampliando o acesso às experiências em ambientes naturais.

A experiência turística é construída a partir da interação entre o visitante e o ambiente, tendo os sentidos humanos como mediadores fundamentais desse processo. Conforme destacam Yang, Huang e Huang (2021), os sentidos funcionam como canais de acesso às informações do ambiente externo e fundamentam a construção das percepções e dos processos psicológicos.

No turismo, essa percepção envolve não apenas a recepção de estímulos sensoriais, mas também o processamento cognitivo dessas informações, influenciando a forma como o destino é compreendido, avaliado e lembrado. Assim, experiências turísticas que articulam estímulos sensoriais e processos cognitivos tendem a promover maior envolvimento emocional e a consolidação de memórias duradouras, fortalecendo o vínculo do visitante com o destino (Yang; Huang; Huang, 2021).

Diante desse entendimento, ao considerar o papel dos sentidos no turismo, evidencia-se a importância de propostas que valorizem experiências multissensoriais planejadas e alinhadas aos princípios da sustentabilidade. Iniciativas como as trilhas sensoriais inserem-se nesse cenário ao potencializar a percepção ambiental e promover uma relação mais consciente e significativa entre o visitante e o ambiente natural, reforçando o caráter experiencial do turismo e contribuindo para a valorização dos destinos turísticos.

Nesse contexto, Lima et al. (2019) evidenciam que a estimulação sensorial e corporal desempenha papel relevante no processo de sensibilização e aprendizagem, ao destacarem que:

[...] a estimulação dos sentidos e também do corpo traz benefícios aos idosos, pois além de instigar seus pensamentos, os deixa saudosos, estimulando sua memória e, ainda, curiosos, como no caso da trilha e na oficina da visão, em que só podiam usar o tato (Lima et al., 2019).

Embora o estudo citado tenha como público-alvo pessoas idosas, seus resultados reforçam o potencial das trilhas sensoriais para diferentes perfis de visitantes, inclusive no contexto turístico, ao demonstrar que a ativação dos sentidos contribui para experiências mais significativas, reflexivas e memoráveis.

Reforçando essa perspectiva, Nascimento e Costa (2017), a partir de pesquisas realizadas com pessoas portadoras de deficiência visual, em trilhas inclusivas, destacam que, mesmo diante das limitações estruturais e da carência de investimentos observadas em algumas Unidades de Conservação, as trilhas interpretativas adaptadas apresentam significativo potencial educativo, social e ambiental, consolidando-se como importantes instrumentos de sensibilização, inclusão e promoção de práticas sustentáveis no âmbito do ecoturismo.

Tais experiências reforçam o papel das trilhas como instrumentos de sensibilização ambiental e promoção de práticas sustentáveis, além de evidenciar que as trilhas sensoriais podem ampliar a percepção ambiental, o envolvimento dos visitantes e a valorização dos ambientes naturais, mesmo quando a acessibilidade universal não constitui seu objetivo central. Dessa forma, esses percursos consolidam-se como produtos turísticos alinhados aos princípios do ecoturismo e do turismo de experiência, ao promoverem baixo impacto ambiental, educação ambiental e conexão emocional entre visitante e território.

A partir desse referencial, torna-se possível estruturar uma proposta de trilha sensorial como produto turístico experiencial, tema desenvolvido na seção metodológica a seguir.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida na modalidade qualitativa, bibliográfica e descritiva, com base em dados secundários provenientes de livros, artigos científicos,

documentos institucionais e publicações oficiais relacionadas ao ecoturismo, turismo de experiência e trilhas ecológicas.

A pesquisa também contou com registro fotográfico, utilizado como instrumento de apoio à observação e à documentação das características do ambiente estudado, contribuindo para a análise e sistematização dos dados qualitativos. Os registros fotográficos foram realizados no mês de janeiro de 2026.

A pesquisa bibliográfica constitui o procedimento central deste estudo, pois é elaborada a partir de materiais já publicados, especialmente livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador acessar uma ampla gama de informações sobre o fenômeno investigado, muitas vezes impossíveis de serem obtidas por meio de observação direta (Gil, 2008). Além disso, esse tipo de pesquisa possibilita compreender o estado atual do conhecimento sobre o tema e construir a base teórica necessária para a análise da proposta de trilha sensorial.

Quanto à abordagem, adota-se a pesquisa qualitativa, uma vez que o estudo busca interpretar significados, percepções e experiências relacionados ao turismo em ambientes naturais. A análise qualitativa dos dados não segue procedimentos rígidos ou fórmulas predefinidas, dependendo da capacidade interpretativa do pesquisador. Conforme Gil (2008), esse tipo de análise envolve etapas como a seleção e organização das informações relevantes, sua apresentação de forma estruturada e, posteriormente, a construção de conclusões a partir da interpretação dos padrões identificados.

Dessa forma, o material bibliográfico e documental será analisado de maneira sistemática, permitindo compreender como as trilhas sensoriais podem contribuir como diferencial para o turismo de experiência em Florianópolis.

O estudo é caracterizado como exploratório e descritivo, pois visa ampliar o conhecimento sobre a trilha sensorial enquanto produto turístico, assim como descrever seus elementos, suas características e seu potencial como diferencial no turismo de experiência em Florianópolis.

Conforme Lösch, Rambo e Ferreira (2023), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, permitindo explorar, identificar e compreender conceitos, relações e características ainda pouco conhecidas, a partir de uma abordagem flexível e predominantemente qualitativa. Essa modalidade de pesquisa não busca a mensuração do fenômeno, mas a ampliação do entendimento sobre o objeto de estudo, contribuindo para a construção de hipóteses e para a identificação de possibilidades analíticas que subsidiem investigações futuras.

Paralelamente, a pesquisa descritiva é empregada quando se busca registrar, detalhar e compreender as características do objeto de estudo, podendo ainda identificar relações e associações entre variáveis observadas (Gil, 2008, p. 28). Nesse sentido, a abordagem descritiva torna-se fundamental para a caracterização da trilha sensorial e de suas dinâmicas enquanto proposta vinculada ao ecoturismo e ao turismo de experiência.

Complementarmente, Lakatos e Marconi (2017), destacam que os estudos exploratório-descritivos possibilitam a combinação entre investigação teórica e levantamento sistemático de informações, permitindo uma análise aprofundada do fenômeno mesmo na ausência de dados quantitativos precisos. Tal abordagem mostra-se adequada à natureza desta pesquisa, que se fundamenta na interpretação qualitativa de dados bibliográficos e documentais para a construção de uma proposta aplicada.

Dessa forma, a combinação das abordagens exploratória e descritiva permite tanto a ampliação do entendimento sobre as trilhas sensoriais no contexto do ecoturismo quanto a descrição de seus componentes e diretrizes, contribuindo para a elaboração de uma proposta aplicável à realidade turística de Florianópolis.

Por fim, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois o conhecimento gerado será direcionado à elaboração de uma proposta prática de trilha sensorial para o município de Florianópolis, visando contribuir para o planejamento turístico sustentável e para a valorização das experiências em ambientes naturais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Contextualizando a Ilha de Santa Catarina

A ilha de Santa Catarina, mais conhecida como Florianópolis, foi oficialmente fundada em 1673, em um território inicialmente habitado por povos indígenas tupi-guarani. A colonização portuguesa e, posteriormente, a influência dos imigrantes açorianos moldaram aspectos culturais, sociais e econômicos da cidade. A partir da década de 1970, com a construção de novas pontes, abertura de rodovias e intensificação do processo de metropolização, Florianópolis passou por acelerado crescimento populacional e territorial, redefinindo sua paisagem, sua dinâmica econômica e também os debates acerca de sua identidade e memória coletiva (FALCÃO, 2007).

Florianópolis possui cerca de 400 km², cuja geomorfologia é dividida em maciços rochosos pré-cambrianos e mesozóicos, e planícies costeiras formadas por depósitos sedimentares quaternários. Esses depósitos, originados principalmente das variações do nível do mar no Pleistoceno e Holoceno, deram origem a lagoas, dunas, manguezais e faixas arenosas da ilha (Tomazzoli; Pellerin; Horn Filho, 2018).

A vegetação local é formada por remanescentes de Mata Atlântica e ecossistemas costeiros, como restingas e manguezais, fundamentais para a conservação da biodiversidade. Essas paisagens naturais contribuem para a valorização das áreas verdes e para o desenvolvimento de atividades de ecoturismo e turismo de experiência. Segundo o Censo Demográfico de 2022, Florianópolis possui 537.211 habitantes, sendo a segunda cidade mais populosa de Santa Catarina (IBGE, 2022).

Segundo uma pesquisa realizada em 2024 pelo Nexus a pedido do Ministério do Turismo (MTur), Florianópolis está entre os destinos mais procurados pelos brasileiros, na pesquisa menciona que a Ilha de Santa Catarina esteve entre os quatro destinos mais procurados pelos turistas nacionais, podendo ser encontrados nos segmento de turismo como: belezas naturais com 23%, praia com 53% e 29% com natureza e o ecoturismo, os entrevistados relataram que esse seguimentos estão entre os interesses na hora da escolha do lugar que será visitado (Azevedo, 2025).

O potencial de desenvolvimento ecoturístico de Florianópolis se encontra a partir do uso sustentável das UCs, especialmente em áreas naturais como o Parque Natural Municipal das Dunas dos Ingleses e Santinho. De acordo com Bittencourt (2015), a implantação de atividades ecoturísticas nesses espaços deve ocorrer de forma planejada, com diretrizes e medidas que garantam a sustentabilidade ambiental e a ordenação da visitação. A presença de ecossistemas costeiros preservados, associados a paisagens de elevado valor cênico, consolida a Ilha de Santa Catarina como um território favorável à prática do ecoturismo.

As belezas naturais da Ilha de Santa Catarina são constituídas predominantemente por áreas de Mata Atlântica e por formação de vegetações litorâneas, como restingas, dunas e manguezais, distribuídas entre encostas, planícies costeiras e áreas de transição ecológica (IAB, 2024; GUIA FLORIPA, 2024). A porção de Mata Atlântica cobre principalmente os morros da ilha e representa um dos ecossistemas de maior valor ecológico do município, infelizmente restam apenas fragmentos de sua cobertura original, protegidos em áreas de conservação municipais e estaduais.

Já, a vegetação litorânea ocupa as faixas próximas às praias, dunas e margens das baías, desempenhando um papel essencial na estabilidade da linha costeira e no equilíbrio ambiental, especialmente através das restingas e dos manguezais (GUIA FLORIPA, 2024). Este mosaico ambiental atribui elevado valor ecológico ao território insular e justifica a ampla presença de UCs, que protegem cerca de 41% da área terrestre do município (MPSC, 2025).

Nesse contexto, os parques e demais áreas protegidas assumem papel central na preservação dos remanescentes da vegetação nativa. Inseridas nesses espaços, as trilhas ecológicas estruturam a visitação em ambientes sensíveis, possibilitando o contato direto com a natureza e contribuindo para ações de educação ambiental e sensibilização quanto à conservação dos ecossistemas.

Apesar do cenário favorável, grande parte das trilhas existentes em Florianópolis ainda é explorada sob uma lógica predominantemente contemplativa ou recreativa, com limitada ênfase na dimensão interpretativa, sensorial e experiencial da visita. Diante disso, o desenvolvimento de propostas inovadoras, como trilhas sensoriais, apresenta-se como alternativa para diversificar a oferta turística, fortalecer o vínculo entre visitante e território e promover experiências mais imersivas em contato com a natureza. Dessa forma, as trilhas ecológicas deixam de ser apenas percursos físicos e passam a constituir espaços de vivência, aprendizagem e valorização do patrimônio natural da ilha.

4.2 Análise de experiências

A análise de experiências já implementadas demonstra que percursos interpretativos e sensoriais em ambientes naturais são viáveis e produzem resultados positivos em termos de aprendizagem, sensibilização ambiental e envolvimento dos participantes. Machado e Barros (2020) evidenciam essa viabilidade ao desenvolverem um jardim sensorial de baixo custo que despertou curiosidade, prazer, tranquilidade e maior interesse pelo contato com a natureza, além da construção de novos conhecimentos por meio da exploração dos sentidos. De modo semelhante, Saccomori e Saccomori (2023) destacam que atividades que integram corpo, movimento e natureza favorecem vínculos afetivos com o meio natural e o desenvolvimento de valores sustentáveis.

Corroborando essa perspectiva, De Moraes et al. (2022) verificaram que trilhas interpretativas com abordagens lúdicas e sensoriais promovem mudanças atitudinais,

ampliando a conscientização ambiental e fortalecendo processos cognitivos, perceptuais e afetivos. Já, Nascimento e Costa (2017) demonstram que trilhas adaptadas para pessoas com deficiência visual potencializam a percepção por meio da ativação dos demais sentidos, favorecendo conexão emocional e aprendizado ambiental.


Em conjunto, os estudos indicam que experiências multissensoriais em ambientes naturais estimulam engajamento, construção de significados e sensibilização ecológica, promovendo vivências imersivas capazes de influenciar atitudes. Nesse sentido, a proposta de uma trilha sensorial em Florianópolis fundamenta-se nessas evidências, ao buscar integrar percepção multissensorial, educação ambiental e conexão afetiva como diferencial no turismo de experiência.




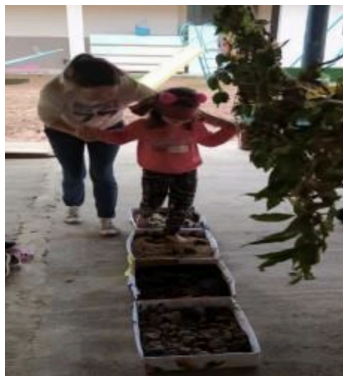
4.3 Trilhas sensoriais existentes

Considerando que esta pesquisa possui abordagem qualitativa e bibliográfica, além de caráter exploratório e descritivo, optou-se por analisar experiências de trilhas sensoriais já implementadas em diferentes contextos educativos, ambientais e turísticos. Esse levantamento teve como objetivo identificar características metodológicas recorrentes, dinâmicas aplicadas e formas de estimulação sensorial utilizadas nessas propostas, de modo a contribuir para a construção da trilha sensorial proposta para Florianópolis.

A sistematização dessas experiências em formato de quadros permite visualizar padrões, convergências e possibilidades de aplicação, evidenciando que as trilhas sensoriais constituem práticas viáveis, replicáveis e alinhadas aos princípios do turismo de experiência e da educação ambiental.

Quadro 1: Trilhas sensoriais e suas propostas.

TRILHA	CARACTERIZAÇÃO
<p data-bbox="304 1675 719 1704">Figura 1 - Trilha Sensorial de Madeira</p>  <p data-bbox="360 1973 660 2002">Fonte: Isabella Ono (2025).</p>	<p data-bbox="810 1704 1347 1823">As madeiras foram organizadas de forma a criar um caminho sensorial que explora as diferentes texturas, formas, cheiros e densidades de espécies amazônicas.</p>

<p>Figura 2 - Trilha Caminho das Vivências</p>  <p>Fonte: PESM Núcleo Cunha (2020).</p>	<p>Realizada com os olhos vendados e os pés descalços para que o tato, o olfato e a audição possam perceber os diferentes elementos da natureza. A atividade dura em torno de 30 minutos, em um percurso de aproximadamente 50 metros.</p>
<p>Figura 3 - Trilha dos Sentidos</p>  <p>Fonte: Parque Fernão Dias (2022).</p>	<p>Feita de olhos vendados, os participantes exploram os sentidos do paladar, olfato, tato e audição. A atividade dura em torno de 20 a 40 minutos, em um percurso de aproximadamente 80 metros.</p>
<p>Figura 4 - Dinâmica Sensorial</p>  <p>Fonte: França, Jéssika Paiva et al (2025).</p>	<p>Em determinado período da trilha os participantes caminharam por um trecho da trilha com os olhos vendados e pés descalços, em uma corrente guiada por toques e sons.</p>
<p>Figura 5 - Trilha Sensorial Com Elementos Da Natureza</p>  <p>Fonte: Simone Maria Stertz Pereira (2022).</p>	<p>Com os olhos vendados as crianças caminharam por entre caixas que continham alguns elementos da natureza, como diferentes tipos de folhas, areias e pedras, para que tivessem contato com os elementos através do toque, cheiro, sons e texturas diferenciadas.</p>
<p>Figura 6 - Trilha Sensorial e Ambiental</p>	<p>Foi recriado um local com elementos da natureza, como plantas, substratos, sons e aromas, a fim de que os idosos entrassem em um mundo imaginário, ao som de pássaros e água corrente, que buscasse estimular o sistema auditivo e proporcionar sensações agradáveis, valorizando todos os sentidos.</p>



Fonte: Lima, Maria de Fatima Ribeiro Chicatte et al (2019).

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

O Quadro 1 apresenta diferentes experiências de trilhas sensoriais já implementadas em contextos educativos, turísticos e ambientais, como parques estaduais, núcleos de UCs, projetos pedagógicos e ações de educação ambiental, evidenciando que esse tipo de atividade possui características metodológicas recorrentes e consolidadas na prática. De modo geral, observa-se uma padronização na aplicação das trilhas sensoriais, especialmente no uso da privação parcial da visão por meio de vendas, na realização do percurso com os pés descalços e na estimulação dirigida dos sentidos do tato, olfato e audição. A duração média das atividades, é em torno de trinta minutos, também aparece como um padrão recorrente entre as propostas analisadas.

Essa escolha metodológica se justifica pelo fato de que, no cotidiano, a visão é o sentido predominante na percepção ambiental. Pedro et al. (2021) destacam que a visão tende a ocupar o primeiro lugar na percepção e na lembrança das experiências turísticas. Assim, a proposta das trilhas sensoriais busca exatamente privar temporariamente esse sentido dominante, favorecendo o aguçamento dos demais canais sensoriais e ampliando a percepção do ambiente natural.

As experiências descritas no quadro como a Trilha Sensorial de Madeira (Ono), o Caminho das Vivências (PESM – Núcleo Cunha), a Trilha Sensorial do Núcleo Picinguaba, as dinâmicas sensoriais em grupo (França, Nunes & Costa, 2024), as trilhas com elementos naturais em caixas sensoriais (Pereira, 2022) e os percursos multissensoriais voltados ao público idoso (Lima et al., 2019), demonstram que a estimulação sensorial planejada promove envolvimento ativo, curiosidade, conexão com a natureza e experiências memoráveis.

Pereira (2022) ressalta que a trilha sensorial pode integrar diferentes formatos de vivência, como jardins sensoriais, trilhas dos sentidos e oficinas educativas, ampliando suas possibilidades de aplicação em contextos escolares e turísticos. Ferreira e Machado (2015) reforçam que essas atividades exploram os órgãos dos sentidos de forma intencional, evitando que o sujeito permaneça condicionado exclusivamente ao uso da visão durante a experiência ambiental.

Os resultados apresentados por França, Nunes e Costa (2024), demonstram que as dinâmicas sensoriais constituem atividades enriquecedoras, capazes de promover uma conexão mais íntima entre os participantes e o ambiente natural, ao estimular sentidos frequentemente negligenciados, como o tato, a audição e o olfato. A experiência, desenvolvida por meio de percursos realizados com os olhos vendados e em cooperação entre os participantes, possibilitou novas formas de percepção do espaço, favorecendo a confiança, a sensibilidade e o envolvimento coletivo, além de gerar inicialmente sentimentos de insegurança que foram gradualmente substituídos por maior integração com o grupo e com a natureza.

Nesse sentido, os autores evidenciam que a vivência multissensorial em ambientes naturais potencializa a sensibilização ecológica, fortalece vínculos afetivos com o território e estimula reflexões sobre o papel do visitante como sujeito ativo e ético no contexto turístico. Assim, tais práticas alinham-se aos princípios do turismo de experiência, ao promoverem imersão, participação ativa e transformação da percepção do visitante, resultando em aprendizados ambientais, sociais e culturais que ultrapassam a dimensão meramente recreativa da atividade turística.

A partir dessas evidências, compreende-se que as trilhas sensoriais, possibilitam ao indivíduo perceber e vivenciar o ambiente de forma ampliada, indo além da contemplação passiva típica das trilhas convencionais. Ao estimular sentidos frequentemente pouco utilizados em percursos tradicionais, essas experiências estimulam uma conexão mais profunda com a natureza, fortalecem a interpretação ambiental e contribuem para a formação de uma consciência ecológica mais sensível e participativa.

Nesse sentido, a proposta de desenvolvimento de uma trilha sensorial em Florianópolis dialoga diretamente com experiências já consolidadas na literatura e na prática, demonstrando viabilidade metodológica e potencial inovador ao integrar turismo de experiência, educação ambiental e valorização dos ambientes naturais locais.

4.4 Lugar proposto para a implementação da Trilha Sensorial

O Parque Ecológico Municipal Professor João David Ferreira Lima, popularmente conhecido como Parque do Córrego Grande, constitui o principal parque urbano de Florianópolis e destaca-se como um importante espaço de lazer, conservação ambiental e educação ecológica no município. Localizado no bairro Córrego Grande, em área de fácil acesso e próximo à Universidade Federal de Santa Catarina, o Parque possui aproximadamente 22 a 23 hectares e é administrado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis por meio da Fundação Municipal de Meio Ambiente (BLOG FLORIPA, s.d.). Sua infraestrutura contempla trilhas internas, quadras esportivas, projetos ambientais, pista de caminhada, áreas sombreadas, lagos e espaços de convivência, favorecendo atividades de recreação, contemplação e contato direto com a natureza.

Além de seu valor paisagístico, o Parque abriga significativa diversidade de flora e fauna nativas, possibilitando a observação de aves, mamíferos e répteis, o que reforça seu potencial para ações de educação ambiental e sensibilização ecológica (VISITE FLORIPA, s.d.). Destaca-se ainda a existência de uma trilha equipada com placas inclusivas em braille e em Língua Brasileira de Sinais (Libras), ampliando o acesso à informação para pessoas com deficiência visual e auditiva. Adicionalmente, diversos pontos do Parque contam com sinalização interpretativa que identifica espécies de árvores, flores e frutos presentes no local, favorecendo a aprendizagem ambiental e a valorização da biodiversidade.

Nesse contexto, o Parque do Córrego Grande configura-se como um ambiente propício para a implementação de propostas de turismo de experiência em meio urbano, especialmente pela presença de trilhas, paisagens naturais, sinalização interpretativa e espaços educativos. Os quadros 2, 3 e 4, evidenciam lagos, árvores, placas informativas, animais e paisagens internas, reforçam o potencial do local para a implantação de uma trilha sensorial, capaz de ampliar a percepção ambiental e promover vivências imersivas junto à natureza.

Quadro 2: Fotos de placas Inclusivas no Parque Ecológico do Córrego Grande.

Figura 7 - Garapuvu em escrita de sinais	Figura 8 - Palmitreiro em escrita de sinais	Figura 9 - Garapuvu em braille
--	---	--------------------------------



Fonte: A autora (2026).



Fonte: A autora (2026).



Fonte: A autora (2026).

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Quadro 3: Fotos de placas descrevendo árvores no Parque Ecológico do Córrego Grande.



Figura 10 - Dracena-vermelha

Fonte: A autora (2026).



Figura 11 - Jerivá

Fonte: A autora (2026).



Figura 12 - Guapuruvu

Fonte: A autora (2026).

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Quadro 4: Fotos de placas descrevendo árvores no Parque Ecológico do Córrego Grande.

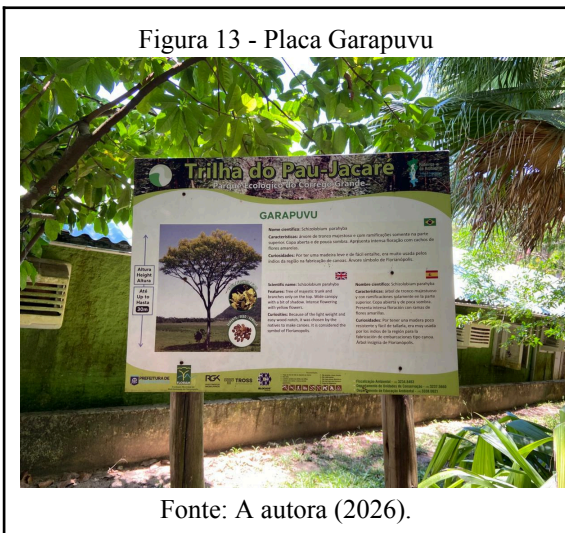


Figura 13 - Placa Garapuvu

Fonte: A autora (2026).



Figura 14 - Placa Palmito Juçara

Fonte: A autora (2026).

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Diante das características apresentadas, o Parque Ecológico Municipal do Córrego Grande revela-se um espaço estratégico para a implantação de uma trilha sensorial, ao reunir atributos ambientais, estruturais e educativos que favorecem experiências imersivas e inclusivas em meio urbano. Nesse sentido, o contexto físico e simbólico do Parque não apenas justifica a escolha do local, como também fundamenta a elaboração da proposta apresentada a seguir, que detalha o percurso sensorial, suas dinâmicas e objetivos educativos.

4.5 Proposta da trilha sensorial

As experiências analisadas, como o *Caminho das Vivências*, desenvolvido no Núcleo Cunha do Parque Estadual da Serra do Mar (2020), com duração aproximada de trinta minutos, e a *Trilha dos Sentidos*, realizada no Parque Fernão Dias pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG (2022), caracterizam-se por percursos sensoriais contínuos, sem a divisão em paradas interpretativas ou a retomada gradual da visão. Em diálogo com essas iniciativas, a proposta de desenvolvimento de uma trilha sensorial no Parque Municipal do Córrego Grande diferencia-se ao adotar um percurso guiado de aproximadamente 1 km, com duração estimada de sessenta minutos, estruturado em paradas estratégicas previamente definidas.

Essa organização permite momentos de pausa, reflexão e aprofundamento da percepção ambiental, ao mesmo tempo em que considera critérios de segurança, acessibilidade, interpretação ambiental e estímulo sensorial, resultando em uma experiência imersiva, educativa e alinhada aos princípios do turismo de experiência.

Inicialmente, no Parque selecionado para a aplicação da proposta, os participantes deverão receber orientações introdutórias gerais sobre os objetivos da atividade, normas de segurança e cuidados necessários durante a vivência. Em seguida, são convidados a retirar os calçados e a utilizar vendas nos olhos, com o intuito de reduzir a predominância da visão e ampliar a percepção dos demais sentidos.

A privação temporária da visão e o contato direto dos pés com o solo fundamentam-se em estudos que apontam a predominância do sentido da visão nas experiências turísticas e defendem a necessidade de estimular outros canais sensoriais para ampliar a percepção ambiental (Pedro et al., 2021; Ferreira e Machado, 2015). O deslocamento ao longo da trilha ocorre de forma lenta e em pequenos grupos, com

apoio mútuo entre os participantes como o contato pelas mãos, ombros ou o uso de cordas-guia favorecendo a segurança, a cooperação e a confiança coletiva durante o percurso.

A parada 1, corresponde a uma área do Parque rica em sons naturais e com maior diversidade de terrenos, possibilitando a estimulação do tato, da audição e do olfato. Nesse ponto, os participantes com os olhos vendados e pés descalços, entram em contato direto com diferentes texturas naturais, como areia, terra, folhas secas, pedras e, em períodos chuvosos, áreas com maior umidade. Simultaneamente, são incentivados a perceber sons do ambiente, como o canto de aves, o vento entre as árvores e outros ruídos característicos do ecossistema local, além de aromas provenientes da vegetação ao redor, estratégia semelhante adotada em experiências de jardins sensoriais que utilizam estímulos multissensoriais planejados para ampliar a percepção ambiental e promover a educação ambiental em espaços não formais, como o Jardim Sensorial do Jardim Botânico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) (Escobar e Bonfanti, 2023).

Na parada 2, situada em uma área arborizada do Parque Ecológico do Córrego Grande, o foco da experiência recai de forma intensificada sobre o sentido do tato. Além da permanência com a venda nos olhos e os pés descalços, em dado momento algodões são distribuídos ao grupo, reduzindo temporariamente a audição e minimizando estímulos sonoros externos. Essa estratégia tem como objetivo potencializar a percepção tátil, estimulando o reconhecimento de diferentes espécies arbóreas e suas texturas por meio do toque em troncos, cascas, folhas, sementes e musgos. Conforme apontam Rego-Monteiro, Manhães e Kastrup (2007), a supressão de determinados sentidos não altera a capacidade sensorial em si, mas redireciona a atenção perceptiva, ativando mecanismos compensatórios que ampliam a experiência sensorial. Dessa forma, a privação simultânea da visão e da audição favorece uma vivência sensorial mais profunda, ampliando a consciência corporal e a conexão física com o ambiente natural. Ao dar continuidade à trilha, os algodões são removidos, mantendo-se apenas os olhos vendados e os pés descalços.

A parada 3, é caracterizada como uma área com maior presença de animais para contemplação. Neste ponto específico do percurso, deverá ser solicitado aos participantes que façam silêncio e, então, são convidados a retirar a venda dos olhos, restabelecendo a visão para a observação consciente da fauna do Parque, como aves e pequenos mamíferos, a exemplo do macaco-prego e do sagui. O silêncio se torna

fundamental para que a contemplação seja imersiva, e a liberação da visão após um período de privação sensorial possibilita a comparação entre as percepções experimentadas ao longo da trilha, intensificando o impacto visual e promovendo reflexões sobre a relação entre sentidos, natureza e atenção ambiental, em consenso com Guimarães (2015), ao enfatizar que a experiência com a paisagem deve ultrapassar o registro superficial, ativando processos perceptivos e afetivos capazes de ressignificar o olhar do visitante. Na sequência, é orientado ao grupo que mantenha os olhos desvendados e os pés descalços.

Por fim, a parada 4 ocorre nas proximidades do lago do Parque Ecológico do Córrego Grande, espaço marcado pela presença de jacarés e jabutis, onde são estimulados principalmente os sentidos da visão e da audição. Nesse ambiente, os participantes são orientados a observar a paisagem, o espelho d'água, a fauna associada e a escutar os sons característicos do local, encerrando o percurso sensorial de forma contemplativa e integradora. Essa etapa da trilha dialoga com a compreensão de Guimarães (2009) de que a paisagem, ao ser vivenciada por meio da percepção e da interpretação, torna-se portadora de sentidos e significados, contribuindo para a construção de valores ambientais e para o fortalecimento da relação entre o indivíduo e o meio.

Ao término da trilha, ainda no Parque, realiza-se um momento de partilha das percepções e impressões vivenciadas pelos participantes, reforçando o caráter reflexivo, educativo e experiencial da proposta. Esse processo dialoga com a perspectiva de Guimarães (2015), ao compreender a experiência turística como um percurso educativo que se consolida por meio da ressignificação das percepções, do fortalecimento dos vínculos afetivos e da construção de uma consciência ambiental mais sensível.

Práticas semelhantes foram adotadas por Saccomori e Saccomori (2023), ao utilizarem trilhas sensoriais associadas a momentos de reflexão como estratégia para estimular a consciência ambiental desde a infância, possibilitando aos participantes comparar sensações, expressar sentimentos e construir uma percepção crítica sobre a relação entre ser humano e natureza. Segundo as autoras, a vivência sensorial aliada à reflexão favorece a formação de sujeitos mais conscientes, responsáveis e engajados com o cuidado ambiental, aspecto que fundamenta e reforça a importância desse momento final na presente proposta.

Notas sobre as paradas 2 e 3, o fluxo das dinâmicas poderá sofrer alterações, uma vez que os animais se deslocam constantemente pela área. Dessa forma, a

contemplação da fauna pode ocorrer antes ou após a parada dedicada à imersão sensorial com a flora (parada 2), fazendo com que o grupo tenha que adaptar os atos de colocar e retirar vendas ou algodões, sem prejuízo à proposta sensorial.

Complementarmente, a proposta prevê a utilização de sinalização turística interpretativa e acessível ao longo do percurso. Conforme orientações do Guia de Sinalização para o Cicloturismo, a sinalização vai além da função orientadora, atuando como elemento qualificador da experiência turística ao auxiliar na leitura da paisagem, na valorização do patrimônio natural e cultural e no ordenamento do uso dos espaços naturais (ALIANÇA BIKE et al., 2025). Aplicados ao contexto das trilhas sensoriais, esses princípios contribuem para ampliar a percepção ambiental, orientar o visitante de forma clara e inclusiva e reforçar o caráter educativo da atividade, por meio do uso de ícones internacionais, linguagem acessível e informações interpretativas nos pontos de parada, em consonância com os objetivos desta proposta.

Proposta de pontos de parada da trilha sensorial.

Parada 1: Área rica com sons da natureza e com maior diversidade de terreno.



Figura 15.
Fonte: a autora (2026).

Parada 2: Árvores de diversas espécies e diferentes texturas.



Figura 16.
Fonte: a autora (2026).



Figura 17.
Fonte: Elaborado pela autora (2026).

Parada 3: Área com maior presença de animais para contemplação.

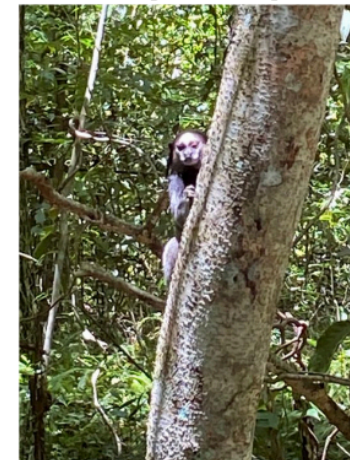


Figura 18.
Fonte: a autora (2026).

Parada 4: Lago com a presença de jacarés e jabutis.



Figura 19.
Fonte: a autora (2026).

De forma complementar, a organização do percurso da trilha sensorial considera não apenas a localização das paradas, mas também as distâncias aproximadas entre elas, distribuídas ao longo de um percurso total de cerca de 1 km. O maior trecho de deslocamento ocorre entre a parada 1 e a parada 2, com uma distância estimada superior às demais, funcionando como um intervalo de transição entre estímulos sensoriais iniciais e a imersão tátil mais intensa proposta na segunda parada. Já os deslocamentos entre as paradas 2, 3 e 4 apresentam distâncias semelhantes entre si, favorecendo a continuidade da experiência e a manutenção de um ritmo lento e atento ao ambiente.

Essa distribuição foi planejada de modo a evitar a fadiga física, garantir a segurança dos participantes e assegurar que o próprio deslocamento entre os pontos também integre a vivência sensorial, reforçando o caráter imersivo, educativo e experiencial da trilha.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo analisar de que forma o desenvolvimento de uma trilha sensorial pode atuar como diferencial para o turismo de experiência em Florianópolis, considerando o potencial ambiental do município e as tendências contemporâneas voltadas à valorização de vivências autênticas e sustentáveis. A partir da revisão teórica sobre turismo de experiência, ecoturismo e percepção sensorial, aliada à análise do contexto turístico local, identificou-se que as trilhas sensoriais constituem uma proposta alinhada à ampliação do envolvimento emocional, educativo e consciente do visitante com os ambientes naturais.

Os resultados indicam que a trilha sensorial se diferencia das práticas tradicionais ao priorizar a estimulação integrada dos sentidos e a imersão do visitante no espaço natural. Dinâmicas como caminhada vendada, exploração de texturas, percepção de sons e aromas ampliam a percepção ambiental e favorecem a construção de experiências memoráveis, com impactos emocionais e cognitivos significativos. A escolha do Parque para aplicação da proposta justifica-se por suas características ambientais e de uso público, como a presença de vegetação nativa, trilhas consolidadas e fluxo regular de visitantes, possibilitando a vivência sensorial de forma segura e com baixo impacto ambiental.

Durante o desenvolvimento do estudo, algumas limitações foram identificadas, especialmente a escassez de pesquisas específicas sobre trilhas sensoriais no contexto

local, o que demandou maior aprofundamento teórico e a adaptação de conceitos provenientes de áreas afins.

Nesse sentido, recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem a aplicação prática de trilhas sensoriais em diferentes contextos territoriais, avaliando, por exemplo, a percepção dos participantes, os impactos educativos e emocionais da experiência e sua contribuição para a sensibilização ambiental. Sugere-se, ainda, a realização de estudos empíricos com aplicação da proposta apresentada, bem como investigações comparativas entre trilhas sensoriais e trilhas interpretativas tradicionais, a fim de ampliar o entendimento sobre seus potenciais, limites e contribuições para o turismo de experiência.

Conclui-se que as trilhas sensoriais representam uma alternativa inovadora e viável para o ecoturismo em Florianópolis, ao integrar conservação ambiental, educação ambiental e valorização da experiência turística, contribuindo para o planejamento turístico sustentável do município.

REFERÊNCIAS

ALIANÇA BIKE – Associação Brasileira do Setor de Bicycletas; REDE BRASILEIRA DE TRILHAS; OBSERVATÓRIO DO CICLOTURISMO; INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). Guia de sinalização para rotas de cicloturismo e trilhas de ciclismo de montanha no Brasil. Brasília, DF: Aliança Bike, 2025.

ARRUDA, Paulo Henrique Castro G. de; LOBO, Saulo Maurício Silva. Ecoturismo e desenvolvimento sustentável. Revista do TCU, Brasília, n. 136, p. 38-47, 2016.

AZEVEDO, Ana. Mais de 60% dos brasileiros realizam ao menos uma viagem de lazer ao ano, diz MTur. Mercado & Eventos, 15 jan. 2025. Disponível em: <https://www.mercadoeventos.com.br/noticias/agencias-e-operadoras/mais-de-60-dos-brasileiros-realizam-ao-menos-uma-viagem-de-lazer-ao-ano-diz-mtur/>. Acesso em: 10 jan. 2026.

BITTENCOURT, Fernando Corrêa de. Ecoturismo em unidades de conservação: proposta para o Parque Natural Municipal das Dunas de Ingleses e Santinho, Florianópolis-SC. Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, v. 3, n. 4, p. 125-144, 2015.

BLOG FLORIPA. Parque Ecológico do Córrego Grande. [s. d.]. Disponível em: <https://blogfloripa.wordpress.com/tag/parque-ecologico/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

BRASIL. Ministério do Turismo. Ecoturismo: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. Disponível em:

<https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/ecoturismo-orientacoes-basicas.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2026.

BRASIL. Revista Tendências do Turismo 2025. Brasília, DF: Ministério do Turismo; Embratur, 2025. Disponível em:
<https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-projetos-acoes-obras-e-atividades/rede-inteligencia-mercado/RevistaTendencias2025vfinal.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2026.

ESCOBAR, Gabriel; BONFANTI, Ricardo. Jardim sensorial da UFSM busca aguçar os sentidos através do contato com a natureza. Universidade Federal de Santa Maria, 22 maio de 2023. Disponível em:
<https://www.ufsm.br/2023/05/22/jardim-sensorial-da-ufsm>. Acesso em: 4 fev. 2026.

EMBRATUR. Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo. Embratur lança Infográfico Turismo de Natureza; conheça, 2024. Disponível em:
<https://embratur.com.br/2024/03/04/embratur-lanca-infografico-turismo-de-natureza-conheca/>. Acesso em: 25 fev. 2026.

FALCÃO, Luiz Felipe. Tracejando esboços da cidade (embates sobre a memória e a história de Florianópolis). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: ANPUH, 2007. Disponível em:
https://www.anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210412_e1b38255ffd2b464bacc1b3a18ec361d.pdf. Acesso em: 26 fev. 2026.

FERREIRA, Tânia Nunes; MACHADO, Alvaro Luis de Melo. O uso de trilhas sensitivas como ferramenta para a sensibilização ecológica: um estudo de caso junto à Quinta da Estância Grande – Viamão/RS. Universo Acadêmico, Taquara, v. 8, n. 1, jan./dez. 2015. Disponível em:
https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/11_o_uso_de_trilhas.pdf. Acesso em: 26 jan. 2026.

FLORIANÓPOLIS (SC). Plano Estratégico do Turismo de Florianópolis – Visão 2033. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2025. Disponível em:
https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/26_11_2025_17.11.49.65fe6f364e20e0284efb706eccfa0f15.pdf. Acesso em: 19 jan. 2026.

FONSECA, Mônica; LAMAS, Ivana; KASECKER, Thais. O papel das unidades de conservação. Disponível em:
https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/41996185/O_Papel_das_Unidades_de_Conservao20160203-13676-1sf8ldn-libre.pdf?1454547031=. Acesso em: 26 fev. 2026.

FRANÇA, Jéssika Paiva; NUNES, Jonathan Rodrigues; JESUS, Lorrany Samillis Costa de. Turismo de experiência na comunidade de João Pilatos em Ananindeua, Pará. Revista Políticas Públicas & Cidades, v. 14, n. 4, p. e2160-e2160, 2025.

FUNDAÇÃO FLORESTAL – Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística. Trilha sensorial é mais uma atração do Núcleo Cunha do Parque Estadual Serra do Mar. 2020. Disponível em:

<https://fflorestal.sp.gov.br/2020/01/trilha-sensorial-e-mais-uma-atraca-o-do-nucleo-cunha-do-pesm/>. Acesso em: 26 jan. 2026.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Ecoturismo. 2. ed. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 2014. Disponível em: <https://smastr16.blob.core.windows.net/cea/2014/11/5-ECOTURISMO.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2026.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIA FLORIPA. Geografia de Florianópolis. 2024. Disponível em: <https://guiafloripa.com.br/cidade/informacoes-gerais-sobre-florianopolis/geografia>. Acesso em: 20 jan. 2026.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. Interpretação de paisagens: sobre a experiência turística. Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, Rio Claro, v. 3, n. 5, p. 9-25, 2015.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. Percepção Ambiental: paisagens e valores. OLAM: Ciência & Tecnologia, v. 9, n. 2, 2009.

IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil. Florianópolis – CBA Sul. 2024. Disponível em: <https://iab.org.br/florianopolis-cba-sul/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA – INPA. Trilha sensorial de madeiras amazônicas é novo atrativo do Bosque da Ciência. Brasília, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/inpa/pt-br/assuntos/noticias/2025/trilha-sensorial-de-madeiras-amazonicas-e-novo-atrativo-do-bosque-da-ciencia>. Acesso em: 26 jan. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: Florianópolis (SC). Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis/panorama>. Acesso em: 14 jan. 2026.

LIMA, Maria de Fatima Ribeiro Chicatte; NOGÁRA, Nain; AMARAL, Alexia Santos; LEONARDI, Ariadne de Freitas; FREITAS, Débora Carla de Oliveira; SILVA, Gabriela Barros; CASTANHO, Giane de Arruda Vargas; MINEIRO, Lara de Oliveira; CARDOSO, Magliane Maciel; ROSA, Marcia Prado Amaral; OLIVEIRA, Mariana Lucas de; LAZZARETTI, Morgana; ALMEIDA, Ramiro da Silva; ELAUTERIO, Rayana; SILVA, Ricardo de Mello da; FERREIRA, Sabrina Antunes; SANTOS, Vanessa Mattana Nascimento dos; GOLDSCHMIDT, Andréa Inês. Educação transformadora em espaços não formais: trilha sensorial e ambiental como estratégia de re-sensibilização para idosos. Revista Conexão UEPG, v. 15, n. 2, p. 204–211, 2019.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. de L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 18, e023141, 2023. e-ISSN: 1982-5587. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 10 jan. 2026.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MORAIS, Isa Lucia de et al. Trilha Interpretativa para crianças do Ensino Fundamental: uso de situações lúdicas, sensoriais e culturais em Caçu, Goiás, Brasil. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 1, p. e50211125359-e50211125359, 2022.

MPSC – Ministério Público de Santa Catarina. MPSC atua para publicação e implementação dos planos de manejo das unidades de conservação de Florianópolis. 2025. Disponível em: <https://www.mpsc.mp.br/w/noticias/mpsc-atua-para-publicacao-e-implementacao-dos-planos-de-manejo-das-unidades-de-conservacao-de-florianopolis>. Acesso em: 20 jan. 2026.

MACHADO, Evelise Cardozo; BARROS, Dalmo Arantes de. Jardim sensorial: o paisagismo como ferramenta de inclusão social e educação ambiental. *Extensão Tecnológica: Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense*, v. 7, n. 13, p. 142-154, 2020.

NASCIMENTO, Sthefani Rosa; COSTA, Vivian Castilho da. Avaliação da Educação Ambiental em trilhas interpretativas inclusivas no Estado do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)*, v. 10, n. 1, 2017.

PEDRO, Rui Manuel Mendonça et al. Sentidos, emoções e memórias na experiência turística: uma revisão. *Rosa Dos Ventos*, v. 13, n. 2, p. 358-578, 2021.

PEREIRA, Simone Maria Stertz. Trilha sensorial com elementos da natureza: uma experiência escolar na educação infantil. 2022. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Tramandaí, 2022.

PEZZI, Eduardo; VIANNA, Silvio Luiz Gonçalves. A Experiência Turística e o Turismo de Experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. *Revista Turismo em Análise*, v. 26, n. 1, p. 165-187, 2015.

PIRES, Paulo dos Santos. A dimensão conceitual do ecoturismo. *Turismo: visão e ação*, v. 1, n. 1, p. 75-92, 1998.

REGO-MONTEIRO, Paula; MANHÃES, Luciana Pereira; KASTRUP, Virgínia. Questões acerca da teoria da compensação no campo da deficiência visual. *Benjamin Constant*, n. 36, 2007.

SACCOMORI, Fernanda; SACCOMORI, Leticia. Atividades físicas ao ar livre: uma trilha sensorial para percepção do meio ambiente. *Sobre Tudo*, v. 14, n. 2, p. 219-241, 2023.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. O ecoturismo como ferramenta de conservação ambiental: relatório de inteligência. Brasília, DF: SEBRAE, 2022. Disponível em:
<https://ecoturismo.sebrae.com.br/storage/midiateca/documentos-1673361569-53.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2026.

SILVA, Milla. Trilha dos Sentidos: atividade gratuita no Parque Fernão Dias estimula os sentidos e melhora a saúde mental. Portal da Prefeitura de Contagem, 13 jun. 2025. Disponível em:
<https://portal.contagem.mg.gov.br/portal/noticias/0/3/81791/trilha-dos-sentidos-atividade-e-gratuita-no-parque-fernao-dias-estimula-os-sentidos-e-melhora-a-saude-mental/>. Acesso em: 4 fev. 2026.

SILVA, Mirele Milani da et al. Trilha ecológica como prática de educação ambiental. Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, p. 705-719, 2012.

SIMON, César França. Turismo Cultural de Experiência. Revista Fluminense de Extensão Universitária, v. 2, n. 2, p. 5-10, 2012.

SPAOLONSE, Eduardo; MARTINS, Suzana da Silva de Oliveira. Ecoturismo: uma ponte para o turismo sustentável. Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur), v. 9, n. 6, 2016.

TITO, Eduardo Salazar. Importancia del ecoturismo como estrategia en la captación de turismo receptivo en el Perú. EVSOS, v. 2, n. 1, p. 22-31, 2023.

TOMAZZOLI, Edison Ramos; PELLERIN, Joel Robert Georges Marcel; HORN FILHO, Norberto Olmiro. Geologia da Ilha de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil. Geociências, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 715–731, 2018.

VISITE FLORIPA. Parque Ecológico Córrego Grande. [s.d]. Disponível em:
<https://visitefloripa.com.br/o-que-ver/parque-ecologico-corrego-grande/>. Acesso em: 30 jan. 2026.

YANG, F.; HUANG, A.; HUANG, J. Influence of sensory experiences on tourists' emotions, destination memories, and loyalty. Social Behavior and Personality: An international journal, v. 49, n. 4, e10010, 2021.